

Resenha

GAETA, Saverio. **Papa Leão XIV: a história do novo papa e os desafios que ainda virão**. Tradução de Dandara Morena. São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.

Paulo Afonso Tavares¹
(Resenhista)

Escrita pelo renomado jornalista e vaticanista italiano Saverio Gaeta, a obra *Papa Leão XIV: a história do novo papa e os desafios que ainda virão* apresenta uma instigante, detalhada e profunda viagem aos bastidores da sucessão papal ocorrida no ano de 2025. O leitor é conduzido a uma intensa jornada documental e analítica que se inicia com o fim de uma era, o falecimento do Papa Francisco, e culmina na surpreendente e rápida eleição do homem escolhido para guiar a Igreja Católica: o estadunidense Robert Francis Prevost. Ao longo das páginas, o autor busca não apenas traçar o rigoroso perfil biográfico de um líder que “pode se definir com legitimidade como o primeiro papa da globalização na história da Igreja” (Gaeta, 2025, p. 46), mas também mapear o intrincado campo de batalhas institucionais, políticas e sociais que ele herda no alvorecer de um período turbulento para o catolicismo.

A estrutura narrativa do livro, seguindo uma ordem cronológica que favorece o entendimento histórico, inicia-se abordando o tenso período de transição provocado pela morte de Jorge Mario Bergoglio. Gaeta constrói uma crônica minuciosa das últimas semanas de Francisco, evidenciando sua resiliência física em contraste com um declínio de saúde inexorável, marcado por internações em que “a internação tenha chegado como um relâmpago em céu sereno” (Gaeta, 2025, p. 21). O autor relata que, para o pontífice argentino, “o hospital romano Gemelli tinha se tornado o ‘Vaticano número 3’” (Gaeta, 2025, p. 20). Contudo, a morte viria a ocorrer no Vaticano, no dia

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Desenvolvimento e Planejamento Territorial e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Mestrando em Direito Constitucional Econômico no Centro Universitário Alves Faria (UNIALFA). Graduado em Jornalismo pela PUC Goiás e em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7254003435294622>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6950-6451>.

21 de abril de 2025, momento em que o cardeal Kevin Joseph Farrell anunciou com “uma voz encoberta de emoção” que o “bispo de Roma, Francisco, retornou à casa do Pai” (Gaeta, 2025, p. 19).

O autor descreve com maestria os arranjos para o Conclave, que, contrariando as expectativas de uma longa, fragmentada e dolorosa disputa entre alas autodenominadas “progressistas” e “conservadoras”, resolveu-se em tempo recorde. A fumaça branca despontou na Capela Sistina numa velocidade que chocou especialistas: “A rapidez da eleição, depois de dois dias e somente quatro votações, acabou com as hipóteses da véspera, que imaginavam uma duração parecida apenas se o eleito fosse um dos ‘papáveis’ mais apreciados” (Gaeta, 2025, p. 13). O que o mundo assistiu, no entanto, foi um consenso quase imediato em torno do nome do cardeal Prevost.

Em qualquer estudo biográfico e historiográfico, compreender as origens de uma pessoa é um passo fundamental para decifrar suas ações no palco do poder. Nesse sentido, Gaeta retrocede no tempo para nos apresentar as raízes de Robert Francis Prevost. Nascido em 4 de setembro de 1955, em Chicago, Illinois, durante o chamado *boom* econômico e cultural do pós-Segunda Guerra Mundial, sua visão de mundo reflete uma profunda herança multicultural. O autor destaca essa pluralidade identitária ao registrar que, “filho de pais estadunidenses, as origens da mãe, Mildred Agnes Martínez, são do Caribe espanhol, ao passo que as do pai, Louis Marius, são ítalo-francesas” (Gaeta, 2025, p. 46-47).

A obra traz detalhes humanos e singelos de sua formação. Segundo relatos familiares colhidos pelo autor, a inclinação religiosa do jovem Robert manifestou-se ainda na infância, de forma quase lúdica. Seu irmão relata que ele “brincava de ser padre fazendo a tábua de passar roupa de altar e distribuía doces ou bolachas no lugar da comunhão” (Gaeta, 2025, p. 49). Ao amadurecer, contrariando as expectativas de uma vida secular numa América capitalista em ascensão, Prevost optou por ingressar na Ordem Agostiniana.

Essa escolha é determinante para entender o seu pontificado. Gaeta enfatiza que a espiritualidade da ordem exige uma entrega total, baseada no pensamento de Santo Agostinho, onde se busca incessantemente “um equilíbrio inteligente entre as exigências do apostolado e as exigências da vida interior, que são o estudo, a oração, a contemplação” (Gaeta, 2025, p. 51). Essa densa base teológica e filosófica, aliada

à necessidade de uma ação pastoral prática e comunitária, moldou de forma irrevogável sua visão eclesial e sua futura forma de governar.

Se a formação acadêmica de Robert Francis Prevost ocorreu em centros de excelência no Hemisfério Norte, foi no Hemisfério Sul que o seu verdadeiro caráter pastoral foi forjado. Uma das seções mais ricas e essenciais da obra de Gaeta é o resgate do longo período em que Prevost atuou como missionário e, posteriormente, bispo de Chiclayo, no Peru. Para o leitor familiarizado com a Teologia da Libertação e com a história da Igreja na América Latina, é impossível não notar o alinhamento de Prevost com a “opção preferencial pelos pobres”, traço que também marcou profundamente o pontificado de seu antecessor, o argentino Papa Francisco.

Sobre seus anos em solo sul-americano, o próprio Prevost confidenciou: “ali amadureci minha experiência como religioso. Descobri o valor da proximidade, da vida entre a gente e da missão como testemunha silenciosa e concreta” (Gaeta, 2025, p. 52). Gaeta relata como esse aprendizado se traduziu em ação direta, especialmente durante crises severas. Nos trágicos eventos provocados pelo fenômeno climático *El Niño* em 2017 e, posteriormente, durante o colapso sanitário da década seguinte, o bispo colocou galochas e “gastou toda energia para ajudar aqueles em dificuldade, e, posteriormente, na pandemia de covid-19, que assolou a economia local, o bispo se empenhou em obter, de qualquer lugar, tanques de oxigênio para os pacientes mais graves” (Gaeta, 2025, p. 59).

O autor também nos brinda com episódios que revelam a humanidade e o bom humor presentes na relação entre Francisco e o futuro Leão XIV. Ao introduzir o primeiro encontro reservado com os cardeais após sua eleição, em maio de 2025, o novo Papa brincou com uma piada que já havia escutado do predecessor: “No Peru, dizem que existem duas mil espécies de papas, que significa batatas em espanhol. Bem, agora são duas mil e uma!” (Gaeta, 2025, p. 59).

A História demonstra que lideranças eclesiais que adotam uma postura ativa em defesa dos marginalizados tendem a atrair opositores. O autor não se furta a documentar o lado sombrio da ascensão de Prevost. Próximo à sua eleição, campanhas midiáticas tentaram manchar sua reputação, “alegando que o bispo Prevost encobriu religiosos acusados de terem cometido abusos sexuais” (Gaeta, 2025, p. 63) no Peru, em casos que datavam de 2006 e 2010.

Com rigor investigativo, Gaeta expõe a fragilidade dessas acusações e reconstrói os fatos para restabelecer a verdade histórica. A documentação comprova que, ao contrário do que as *fake news* pregavam, foi o próprio Prevost quem agiu com firmeza: ele “iniciou uma investigação canônica e aconselhou as três mulheres a denunciar tudo para as autoridades civis, a fim de que também se iniciasse um inquérito judiciário” (Gaeta, 2025, p. 63). Inquéritos aprofundados no Vaticano e na justiça peruana isentaram Prevost de qualquer responsabilidade ou omissão, levando jornais internacionais a concluírem que, nestes tristes episódios, “a conduta do papa recém-eleito foi impecável” (Gaeta, 2025, p. 64).

Na historiografia e na análise do discurso, sabemos que as palavras e os símbolos nunca são neutros. Ao eleger o nome de Leão XIV, Prevost enviou uma forte mensagem programática ao mundo. Questionado sobre a motivação da escolha, confidenciou que o fez “principalmente, porque o Papa Leão XIII, com a histórica encíclica *Rerum Novarum*, lidou com a questão social no contexto da primeira grande revolução industrial” (Gaeta, 2025, p. 74). A reverência a Leão XIII, pontífice que fundou a Doutrina Social da Igreja em 1891 para defender os trabalhadores contra a exploração, indica que Leão XIV pretende ser uma voz contundente frente aos abismos sociais gerados pelo atual estágio do capitalismo e da globalização tecnológica.

Essa voz não tardou a se manifestar no palco geopolítico. O pontificado de Prevost inicia-se sob a sombra trágica daquilo que já vinha sendo classificado como uma “Terceira Guerra Mundial em parcelas” (Gaeta, 2025, p. 79). Assumindo não apenas a liderança religiosa de mais de um bilhão de católicos, mas também o papel de chefe de Estado, o novo Papa usou suas primeiras aparições para cobrar ações efetivas dos líderes globais. A obra destaca sua postura firme diante dos conflitos no Leste Europeu e no Oriente Médio, clamando: “Dói-me profundamente o que acontece na Faixa de Gaza. Cessem imediatamente o fogo! Prestem socorro humanitário à população civil esgotada e liberem todos os reféns” (Gaeta, 2025, p. 79).

O grande triunfo metodológico da obra de Saverio Gaeta é não se limitar ao perfil psicológico e teológico do Papa Leão XIV, mas dissecar com coragem a estrutura eclesial na qual ele agora se encontra no topo. O quarto capítulo do livro, adequadamente intitulado “Os Desafios”, lança luz sobre uma máxima inegável da política vaticana: “os desafios que se apresentam a um novo papa, desde o momento

em que é eleito, são basicamente as problemáticas ainda abertas, deixadas como herança pelo pontífice anterior” (Gaeta, 2025, p. 83).

O leitor é conduzido por uma análise densa de diversas frentes de crise sistêmica. A primeira delas é de ordem estrutural e econômica. O Vaticano enfrenta um colapso orçamentário crônico que exigirá de Prevost pulso firme. Gaeta pontua que “o último balanço consolidado, de 2023, mostra [...] um déficit que basicamente é coberto por contribuições do Governatorato” (Gaeta, 2025, p. 91). Fica evidente que as despesas do Estado Papal crescem em ritmo descompassado das receitas, exigindo do novo pontífice habilidades que vão muito além do pastoreio espiritual.

No campo moral e jurídico, o Papa herda a imperiosa necessidade de dar continuidade às medidas drásticas contra os crimes sexuais no clero. A biografia acerta ao demonstrar que não há mais espaço para encobrimentos e que o novo Papa precisará agir com “clareza profunda”, garantindo que investigações e punições ocorram “sem falsos pudores” (Gaeta, 2025, p. 98). O objetivo é consolidar de forma inegociável a “tolerância zero” (Gaeta, 2025, p. 99) iniciada por seus antecessores.

Outra ferida aberta diz respeito ao papel da mulher na Igreja. Gaeta ressalta as pressões contemporâneas que clamam por maior participação feminina nas instâncias decisórias. Embora a porta para a ordenação de sacerdotisas tenha sido firmemente fechada por papas anteriores, a obra sinaliza que os debates não se encerraram, visto que “a questão do acesso das mulheres ao ministério diaconal, sobre a qual é necessário prosseguir o discernimento, permanece aberta a estudos” (Gaeta, 2025, p. 108).

A análise avança ainda sobre as amargas disputas doutrinárias que dividem o clero e os fiéis em pleno século XXI. O novo Papa terá de mediar o explosivo confronto gerado pelo tradicionalismo, especialmente no que tange aos atritos envolvendo a “missa em rito antigo” (Gaeta, 2025, p. 115). Setores conservadores sentiram-se marginalizados após as restrições impostas por Francisco a essa liturgia através do motu proprio *Traditionis custodes* (Gaeta, 2025, p. 116), e agora aguardam para ver como Leão XIV lidará com a insatisfação litúrgica.

Simultaneamente, o pontífice terá de pacificar a Igreja frente à consolidação da “sinodalidade”. O avanço de um governo sinodal atrai críticas ferozes de parte dos teólogos e canonistas devido ao “pedido por uma maior colegialidade” (Gaeta, 2025,

p. 118) nas tomadas de decisão da Igreja, o que os opositores acusam de ser um flerte com a democratização que poderia ferir o poder supremo e hierárquico do papado.

O livro *Papa Leão XIV: a história do novo papa e os desafios que ainda virão* é, portanto, uma obra fundamental não apenas para católicos, mas para qualquer pesquisador, historiador ou leitor atento que deseje compreender as estruturas de poder, a teologia e a diplomacia do Vaticano. Saverio Gaeta consegue articular uma narrativa que é, ao mesmo tempo, um tributo respeitoso ao novo pontífice e uma radiografia crua e realista das fissuras de uma instituição bimilenar.

É imprescindível destacar o imenso trunfo historiográfico do livro, que o eleva à categoria de obra de consulta permanente, o seu anexo, magnificamente intitulado “Dois mil anos de papas” (Gaeta, 2025, p. 125). Como o próprio autor faz questão de ressaltar, documentando o peso esmagador do cargo, “O novo pontífice é o 266º sucessor do apóstolo Pedro” (Gaeta, 2025, p. 125).

O último capítulo nos presenteia com uma lista exaustiva, ordenada de forma cronológica, contendo uma pequena e muito bem fundamentada biografia de cada um dos líderes da Igreja Católica Romana. A jornada enciclopédica inicia-se por “Pedro (Galileia, 30-67)” (Gaeta, 2025, p. 129), que é considerado pela Igreja Católica Romana como o primeiro papa, perpassa as crises medievais, os cismas pontuados pela existência de antipapas, as reformas e contrarreformas, até chegar ao predecessor imediato de Leão XIV, o papa “Francisco (Argentina, 2013-2025)” (Gaeta, 2025, p. 188). Em suma, a obra não apenas lança luz sobre o futuro da fé globalizada, mas consagra-se como um compêndio indispensável para entendermos a gigantesca marcha da História ao longo de dois milênios.

Recebido: 02/04/2026
Aprovado: 20/04/2026